Ano XVI — Lisboa, Agosto de 1960 — N.º 184

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Uma vez mais...

Crise de Educação

O mundo assistiu emocionado aos insólitos acontecimentos do Congo, que vieram trazer novas preocupações aos povos e evidenciar, de forma trágica, a gravidade do problema racial. Ao demitirem-se das suas responsabilidades, as autoridades belgas deixaram a vida e segurança dos brancos confiadas à protecção de soldados negros, que, imediatamente e com repugnante brutalidade, esqueceram deveres e compromissos, revelando o ódio profundo que nutriam pelos europeus; ódio acumulado e recalcado durante anos.

É difícil fazer aqui o comentário destes factos em virtude do perigo de resvalar no campo político, excluído destas colunas em estrita obediência aos cânones do Escotismo. Todavia, o problema da autodeterminação ou da independência dos povos reveste-se de tão alto significado, que transcende a questão política e apresenta aspectos diferentes e complexos. Não hesitamos mesmo em afirmar que o problema educativo é o mais relevante da crise.

Foram os belgas acusados de precipitação na maneira como entregaram a independência ao Congo. Não nos interessa a discussão deste ponto. No entanto, quanto a nós, parece-nos que mais grave erro terá sido a negligência na educação e formação cívica dos povos congoleses e mesmo europeus chamados à vida em África. Necessàriamente, uma nação não se improvisa. Para além dos problemas económicos, uma nação só poderá realmente existir e subsistir se os povos que a constituírem estiverem preparados para a vida em comum e tiverem adquirido o sentido da unidade. Tal preparação exige um demorado processo educativo.

Infelizmente, porém, nem sempre os governos dedicam à educação dos povos o interesse que tão transcendente assunto devia merecer. Os problemas económicos e políticos retêm a principal atenção dos governantes. A estrutura económica das nações é muitas vezes obtida à custa de pesados sacrifícios das classes humildes, sujeitas a baixo nível de vida, provocando revoltas dificilmente contidas, que aguardam apenas ensejo favorável para deflagrar em manifestações torrenciais de ódio.

No caso presente, o problema foi agravado pela questão rácica. O indivíduo, seja qual for a sua situação social, tem direito a ser tratado com o respeito devido à pessoa humana. Nem a raça, nem a opinião, nem qualquer outro prejuízo, lhe retira esse direito. A segregação racial, fruto diabólico do orgulho humano, é origem de contínuas humilhações; sementeira profusa de ressentimentos, de inimizades, de ódios. Naturalmente, não podemos obter uma sociedade utópica, isenta de classes; nem podemos nivelar todos os homens, porque na natureza não há essa identidade. A inteligência, a cultura, o carácter, as capacidades e a educação estabelecem escalões sociais. Muitos homens mesmo não estão preparados para uma convivência íntima com classes mais civilizadas. Justificam-se, portanto, diferenças de relação, mas não se isenta o homem de tratar o semelhante — seja qual for a cor de sua pele — com respeito e humanidade.

(Conclui na página 2)

Acampamento Regional

"Infante D. Henrique"

O «Regional» está a despertar o mais vivo interesse entre todos os grupos de escoteiros de Lisboa e arredores, que se preparam activamente para o «seu campo» e ainda para receber os numerosos visitantes de outras Regiões do país. A este respeito é interessante saber-se que talvez uma Patrulha de Escoteiros dos Estados Unidos da América tome parte no nosso «Regional». Os grupos de Lisboa estão a cotizar se para reunir fundos que permitam auxiliar as viagens dos escoteiros das regiões Norte e Sul, tendo já sido levantado entre eles e pessoas amigas a quantia de Esc. 1.008$60. Os escoteiros de Angra do Heroísmo enviarão uma Patrulha, pois os transportes áereos militares, num gesto simpático, facultaram o seu transporte.

Uma equipa de Dirigentes está a proceder à montagem do acampamento, de forma a poder satisfazer os requisitos indispensáveis. O campo permanente encontra-se já vedado e a canalização da água está montada.

Vai ser publicado um sobrescrito ilustrado comemorativo e um distintivo de metal.

A Região abriu concurso para a letra e música da «Marcha do Regional de 1960» e o Delegado dos Serviços Centrais deliberou estabelecer um prémio de Esc.-500$00 para o melhor trabalho apresentado, que será classificado por um júri de três membros, sendo um deles um prestigioso artista musical.

Durante o acampamento, decorrerão ainda vários concursos como seja: Um fotográfico e outro de desenho de aspectos do campo; um de conjuntos musicais e outro de trabalhos de pioneirismo. Haverá, portanto, trabalho para todos e largo campo para desenvolver o entusiasmo da «rapaziada» acampada. O «Regional» de 1960 promete ser uma grande actividade a marcar o início de uma nova era de desenvolvimento dos Escoteiros de Portugal.

Todos os assuntos relacionados com o acampamento devem ser tratados com o Chefe de Campo, Escoteiro-Chefe Ernesto Clímaco do Nascimento, e a Secretaria do Acampamento encontra-se instalada na Rua de S. Paulo, 254-1.º para onde deve ser dirigida toda a correspondência. O Chefe de Campo solicita a todos os Grupos a rápida devolução dos boletins de inquérito que foram enviados, bem como a pronta resposta a qualquer correspondência que sobre o assunto lhes seja enviada.

Não faltes ao Acampamento Regional — 10 a 18 de Setembro de 1960

Uma vez mais... Crise de Educação

(Conclusão da página 1)

Neste ponto, terão falhado os belgas. Ao inverter-se a posição das duas raças no Congo; quando os nativos se sentiram de posse de uma autoridade que desconheciam e para a qual não estavam preparados, vieram a lume sentimentos de revolta e foram tentados a exercer humilhações, naturalmente mais violentas, sobre aqueles que anteriormente os vexavam.

Isto só prova a necessidade urgente de educar. Educar os brancos para a vida em comum com as raças menos evoluídas, acção que se deve operar desde a mais tenra idade e exige elevado espírito de compreensão e o rompimento absoluto com preconceitos ultrapassados, impróprios da era em que vivemos.

Educar as outras raças, particularmente a gente de cor, para o convívio social com povos em mais adiantado estágio de civilização. Essa acção será empreendida na infância e na adolescência, para que não seja dada guarida a preconceitos rácicos fortemente enraizados nos povos de cor, ao contrário do que muitas vezes se julga. Esta educação terá de ser feita com compreensão, com profundo amor. De resto, toda a educação é obra de amor e sem afeição sincera não haverá uma educação eficiente. A falência de tantos sistemas e o êxito de outros reside fundamentalmente nesta verdade.

O Escotismo não é «mezinha» para solucionar todos os problemas. Mas, indubitàvelmente, pode e deve prestar serviços relevantes na educação da juventude de todas as raças. Nenhum outro movimento — podemos afirmá-lo sem receio — corresponde de maneira tão eficaz às necessidades presentes. A sua doutrina; os ideais de fraternidade que enforma; o treino de companheirismo que fomenta; o exercício das responsabilidades; tudo o qualifica para desempenhar de maneira eficiente o importante papel de educador da juventude para uma mais íntima convivência social. Os britânicos têm procurado aproveitar os seus benefícios na educação das juventudes africanas. Rapazes, que estiveram sujeitos à influência da «Mau-Mau», foram recuperados entregando-os à influência do Escotismo. Claro, o nosso movimento não poderá sòzinho realizar a extraordinária tarefa da educação dos povos africanos. Mas pode e deve prestar importante contributo para essa obra e pena será se não for inteiramente aproveitado.

Embora nas províncias ultramarinas portuguesas se não faça sentir de forma tão aguda o problema racial, já que inteligente e humanamente não praticamos a segregação e temos larga experiência de vida em comum com os povos nativos, que são Portugueses seja qual for a latitude em que vivam, o Escotismo poderia, assim mesmo, prestar serviços inestimáveis, que será absurdo não aproveitar. Parece-nos urgente congregar esforços para que o Escotismo volte ao Ultramar Português e aí exerça acção eficientemente educativa.

PROVA VII
CLASSIFICAÇÃO

PATRULHA	Grupo	QUESITOS 1	2	3	4	5	6	7	8	Assinaturas Supl.res	Atraso (menos)	Total	Classif. Geral
Poupa—V. R. St.º António	**60**	2	3	—	2	2	3	2	—	15	—	29	**111**
Gato Preto — Porto	**4**	2	2	—	1	2	4	2	2	10	—	25	**185**
Cão—Lisboa	**94**	2	3	1	1	2	5	2	2	—	—	18	**88**
Águia — Lisboa	**13**	2	3	—	2	2	4	2	2	—	—	17	**116**
Águia — Lisboa	**94**	2	3	—	1	2	5	2	2	—	—	17	**95**
Veado—Lisboa	**7**	2	3	1	1	2	6	2	—	—	—	17	**75**
Águia — Lisboa	**5**	—	3	1	1	2	5	2	—	—	—	14	**139**
Galo—Angra do Heroísmo	**52**	2	3	—	2	2	(a)	2	2	—	—	13	**118**
Lobo — Lisboa	**94**	2	3	1	—	2	3	2	2	—	2	13	**97**
Tigre — Lisboa	**8**	2	3	1	1	2	2	2	—	—	—	13	**89**
Leão—Lisboa	**10**	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	**66**
Açor—Tavira	**59**	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	**54**
Águia — Lisboa	**10**	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	**35**
Leão — Lisboa	**13**	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	**39**
Falcão — Algés	**14**	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	**31**
Tigre—Algés	**14**	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	**16**

(a) Falta classificar este quesito.

NOVO PONTO DE PARTIDA

Esta mensagem é mais uma manifestação de amizade escoteira do nosso querido amigo Enrique Genovés, de Madrid, companheiro dedicado, que os nossos leitores conhecem, e cuja fidelidade ao Escotismo se afirma inquebrantável em face de todas as dificuldades.

Só a lealdade, que devemos a Genovés, nos constrange a inserir as palavras de apreço, sinceras é certo, mas em grande medida fruto de amizade, pedindo que ele nos desculpe uma pequena omissão.

Uma das coisas que nesta vida proporcionam mais pura e mais sã satisfação, é o observar o constante progresso de uma pessoa conhecida, até vê-la alcançar uma meta, um êxito. Resulta confortador comprovar que essa pessoa segue um caminho recto e ascendente, supera obstáculos, e com firmeza admirável persevera na sua rota ainda quando tenha momentos de humano desalento. E quando finalmente o vemos alcançar a meta, respiramos contentes e sentimos uma irresistível ânsia de lhe dar o nosso abraço e a nossa felicitação.

Estas notas querem ser um abraço e pública felicitação a José Eduardo Pena Ribeiro, esse jovem Escoteiro que obteve a sua Insígnia de Madeira, que o acredita como Escoteiro-Chefe.

Eu que me honro de ser amigo da família Ribeiro, que dedica mais horas do que pode ao Escotismo português, conheci José Eduardo quase quando era Lobito. Logo, através de cartas, de visitas, e pelas páginas deste jornal, vi-o crescer e progredir, formar parte de muitos êxitos escotistas no seu país, até, finalmente, contemplar uma fotografia em que se está impondo a José Eduardo a Insígnia de Madeira.

Permito-me participar um pouco, desde a distância da minha terra hispana, do orgulho que terão experimentado seus pais, da alegria dos seus companheiros de Grupo, da satisfação sentida por ele mesmo.

Estou seguro que José Eduardo será digno dessa Insígnia de Madeira, que pende de seu pescoço, insígnia que não significa uma meta, um final, antes pelo contrário tem de ser uma base, um ponto de partida para uma rota mais difícil que a seguida até agora; essa rota caracteriza-se pelo duro e formoso trabalho de «dar ao Escotismo parte dos benefícios que, como rapaz, se receberam dele».

E. GENOVÉS
C.D.

Este número foi visado pela Comissão de Censura



APRENDER ATÉ MORRER

Quando numa tarde esplendorosa de sol, os rapazes regressaram dum acampamento realizado ali para os lados de Vila Franca de Xira e se dirigiam à estação dos caminhos de ferro, viram, ao longe, na estrada, um grupo de campinos, montando em cavalos ágeis e nervosos e empunhando os tradicionais pampilhos, conduzindo touros.

Os rapazes, à cautela, não se aproximaram demasiadamente. Então, o Joanico, escoteiro vivo e esperto, não se conteve que não dissesse para o subguia:

—Ó Jerónimo, eu sempre queria ver, agora, se os touros dessem em investir connosco. E eu que não sei nada da arte de Manolete...

António Lacerda, instrutor do grupo, que tomara parte naquele acampamento, riu-se e retorquiu:

—Não te preocupes. Geralmente, os touros só são bravos quando os provocam. Mas se aqueles touros caíssem sobre as nossas duas patrulhas seria um verdadeiro *salve-se quem puder*... Mas, é preciso não esquecer que já, uma vez, os touros derrotaram, em terra de Portugal, um exército invasor.

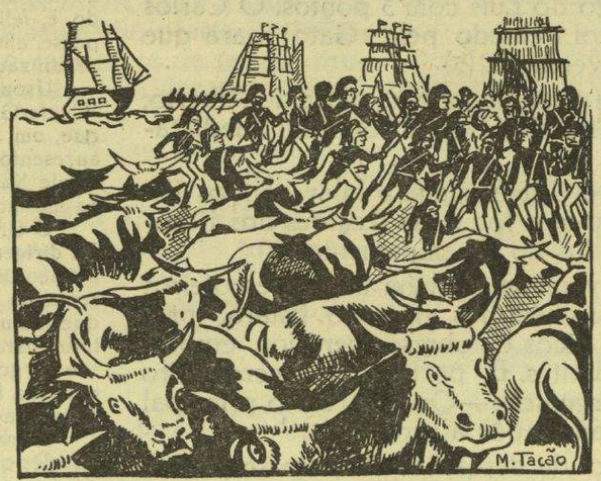
—Ora essa! Nunca ouvi falar em tal—retorquiu o subguia de uma das patrulhas. — Onde foi?

—Na ilha Terceira. Vou contar-lhes o episódio, descrito, há muitos anos, por Pedro Muralha, numa bela revista, *Vida Ribatejana*. Ora ouçam.

Estava lindo o dia. Em frente deles, alastrava a superfície espelhada do Tejo, os mouchões, as pilhas alvíssimas de sal. No lado esquerdo do rio, estendia-se a planície sem fim. Do lado de cá, sucediam-se as montanhas, toucadas de moinhos de vento, casais, hortas viçosas, a terra túmida e farta. Perto, o comboio devorava as distâncias.

—Pois, como lhes ia dizendo, já os espanhóis se haviam apoderado de todo Portugal e ainda na ilha Terceira flutuava a bandeira portuguesa. Nas ruas de Angra do Heroísmo aclamava-se D. António Prior do Crato. E os castelhanos não podiam levar à paciência que houvesse um pedaço de terra portuguesa, que não conhecesse ainda a escravidão. Se bem o pensaram, melhor o fizeram. E, assim, em 5 de Julho de 1581, surgiu em frente da capital da ilha Terceira uma esquadra castelhana. A ilha era governada por um valente, chamado Ciprião de Figueiredo, um dos mais dedicados partidários do Prior do Crato.

—Claro está que desembarcaram...



—A esquadra esperou vinte dias pela chegada de reforços, até que em 25 desembarcaram mais de 1.000 homens, sob o comando de D. Pedro Valdez, em Porto Judeu, num sítio chamado Salga. Ora ali só estavam 50 portugueses.

—Então, que sucedeu? Houve batalha?

—Os sinos das igrejas deram alarme, e, em poucas horas, grande parte da população da ilha, armada de tudo que podia apanhar à mão, correu ao local e travou-se luta tremenda, que acabaria numa carnificina para os terceirenses, pois, evidentemente os invasores tinham sobre eles enorme superioridade em número e armamento. Já não havia mais homens, quando uma mulher, Brianda Pereira, se lembrou de chamar o mulherio para vir também bater-se pela liberdade da ilha.

—As mulheres? E elas, vieram?

—Sim. Brianda reuniu um exército feminino, munido das armas mais improvisadas. Elas caíram sobre as tropas castelhanas, mas, coitadas, que poderiam fazer? A batalha estaria perdida se...

—Se quê?—interrompeu o Aniceto, *pata-tenra* muito curioso.

Se um frade, chamado Pedro, não aconselhasse o governador a mandar recolher todos os portugueses e que fossem atirados sobre os assaltantes todos os touros existentes na ilha.

—Bela ideia!—exclamou o Joanico, batendo as palmas.

—Não calculam a barafunda que houve nas forças invasoras, que já estavam de posse de fortes e de material de guerra. Cada um procurava fugir para o mar para alcançar as dez caravelas que lá estavam. Mas os touros, enfurecidos, é que não permitiam o embarque e quase todos os invasores foram esmagados. Os grandes de Espanha, mestre de campo D. João Valdez, D. João Bassam, os sobrinhos do marquês de Santa Cruz e do duque de Alba, ficaram ali para sempre. E, durante ainda mais dois anos, no castelo do Monte Brasil flutuou a bandeira portuguesa.

—Já tinham passado os campinos—os heróis da lezíria,—com seus barretes verdes, de borla vermelha, suas jaquetas, coletes e calções, meias brancas sapatos de cordovão. Sobre os cavalos nervosos e lépidos, mantas de cores. E, conduzidos pelos campinos, seguiam os touros, belos e possantes, enquadrados no cenário magnífico do Ribatejo.

MANUEL FERREIRA



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Jubileu do Escotismo Húngaro

Os Escoteiros da Hungria, operando no exílio desde 1946, comemoram este ano o 50.º aniversário da fundação do Escotismo na sua pátria. As principais festividades constam de quatro acampamentos continentais realizando-se simultâneamente na América do Norte, América do Sul, Europa e Austrália, nos quais se calcula poderão participar 3.000 escoteiros e guias húngaros exilados. Para estes acampamentos são convidados os Escoteiros de todas as associações.

O programa das comemorações foi decidido numa Conferência que se efectuou em Derby, Nova Iorque, na qual participaram 53 dirigentes escoteiros vindos de 17 cidades diferentes e 5 países.

A conferência foi aberta por Ede Chaszar, co-presidente da Associação dos Escoteiros da Hungria no Exílio. Foram tratados diversos assuntos referentes ao Escotismo no exílio, métodos de trabalho e educativos, sendo encerrada pelo Dr. Miklos M. Zsolnay, presidente da Associação, que prestou homenagem ao Escoteiro-Chefe Jozsef Kovacs, recentemente executado na Hungria.

GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

PROVA VIII

A "Gato" prepara-se para o "Regional"

Pois é verdade! A «Gato» prepara-se activamente para o Acampamento Regional «Infante D. Henrique». A primeira coisa que fez foi reorganizar a patrulha, para o que reuniu o Conselho de Patrulha. (1)

O Conselho distribuiu entre todos os Escoteiros os cargos de Patrulha e o Guia deu instruções a cada um acerca dos deveres e tarefa a cumprir. (2)

Dias depois houve uma reunião. Era preciso imaginar modelos para a «mobília» do campo de patrulha. Foram desenhados: Uma fornalha, uma mesa de jantar, um lavatório, um duche, um «guarda-loiça», cadeiras para as visitas e muitos outros utensílios, tudo feito com material próprio do campo. (3)

A certa altura, o Chico sugeriu que se fizesse um projecto de porta do acampamento da Patrulha. Todos lançaram mãos à obra e, por fim, foi aprovado por maioria o projecto apresentado pelo Alberto, como o mais tìpicamento escoteiro. (4)

Noutra reunião foi feito um concurso de jogos. Cada Escoteiro teria de apresentar um jogo para ser disputado no acampamento. A classificação seria assim feita: 1 ponto por originalidade. 1 ponto por carácter escoteiro. 1 ponto por facilidade de execução. 1 ponto por boa narrativa. Foi apurado em primeiro lugar o jogo apresentado pelo Jaime com 4 pontos. Em segundo lugar o jogo do Luís com 3 pontos. O Carlos marcou 2 pontos. O jogo aprovado foi treinado pela «Gato» para que pudesse fazer a sua apresentação no Regional. (5)

Durante o treino, o Subguia bateu com o punho no nariz do Alberto, que teve uma abundante hemorragia nasal. O Guia socorreu imediatamente o acidentado. (6)

Depois da reunião de patrulha, o Chefe esteve a falar com os Escoteiros acerca do Regional e informou que todas as Regiões dos Escoteiros de Portugal estariam representadas no Acampamento. (7)

Ao nosso acampamento talvez venham também alguns escoteiros estrangeiros. Os Antigos Escoteiros também nos visitarão. Estarão presentes escoteiros de diversas religiões, ricos e pobres, operários, empregados de comércio, funcionários, estudantes. É, portanto, um verdadeiro acampamento escoteiro. E o Chefe perguntou: — Qual vai ser o principal artigo da Lei do Escoteiro, que nós vamos pôr à prova? (8)

A «Gato» não tem um momento de descanso. Prepara-se para o «Regional» com um entusiasmo que nos leva a garantir que vai ser a melhor Patrulha em campo.

QUESTIONÁRIO

		Pontos
1 —	Que é e como funciona o Conselho de Patrulha? Quem preside? Que documento escreve o Secretário acerca dessa reunião?	2 »
2 —	Quais são os cargos da Patrulha e qual é a função de cada um?	2 »
3 —	Desenhe num papel branco, se possível a tinta da China, três modelos de utensílios de acampamento improvisados com materiais de campo. Seja tìpicamente escoteiro e tanto quanto possível original	1 a 4 »
4 —	Faça um projecto de porta de acampamento, a tinta da China se possível, tão original quanto possível	1 a 4 »
5 —	Escreva um jogo nas mesmas condições	1 a 4 »
6 —	Como foi efectuado o socorro?	1 »
7 —	Como se denominam as Regiões dos Escoteiros de Portugal em actividade?	1 »
8 —	Qual é esse artigo?	2 »

N. B. — Todos os modelos de trabalhos de campo que nos forem enviados serão conservados secretos até depois da abertura do acampamento.

Os quesitos 1, 2, 6, 7 e 8 só marcam os pontos respectivos se estiverem integralmente certos.

O prazo para a entrega das provas termina em 27 de Agosto corrente. São dados mais 3 dias aos retardatários mediante o desconto de um ponto por cada dia.

Os Escoteiros de Portugal

Cumprimentaram o Sr. Subsecretário da Educação pela passagem do 5.º Aniversário da sua posse

No passado dia 21 Julho, os dirigentes das organizações da juventude apresentaram cumprimentos ao sr. Subsecretário da Educação, que os recebeu no seu gabinete. Dos Escoteiros de Portugal encontravam-se presentes os srs. Comodoro Daniel Duarte Silva, Escoteiro-Chefe-Geral; Albano da Silva, seu Adjunto; Comandante Diogo Afonso, secretário-geral; Manuel L. Peixoto, secretário das relações internacionais; Dr. Eugénio Ramos e Prof. Aníbal Ramos, vogais do Tribunal de Honra e, respectivamente, presidentes da Direcção e do Conselho Fiscal da Fraternal; Eduardo Quintino Pinheiro, vice-presidente da Direcção da Fraternal; Escoteiro-Chefe Mário Gonçalves, escoteiros dos grupos 13, 53 e 94, e o Director do «Sempre Pronto».

Pelo Corpo Nacional de Escutas recorda-nos ter visto os srs. Eng.º D. José Paulo de Lencastre, chefe nacional adjunto; José de Ayala Botto, Dr. Santa Marta, e Rev. João Ferreira, assistente nacional adjunto.

O sr. brigadeiro Raul Pereira de Castro, comissário nacional da M. P., que se encontrava acompanhado de diversos dirigentes, saudou o sr. Subsecretário de Estado, e, felicitando-o pelo aniversário da sua posse, afirmou o respeito e gratidão daquela organização.

Usou depois da palavra o Escoteiro-Chefe-Geral dos Escoteiros de Portugal, que, em nome dos Escoteiros de Portugal, apresentou iguais saudações, seguindo-se o Chefe Nacional do C.N.E. que expressou os mesmos sentimentos.

O Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, que foi dirigente da A.E.P., agradeceu os cumprimentos e saudações que lhe foram apresentados e reafirmou o particular interesse que lhe merecem as organizações da juventude, para além das ocupações inerentes ao seu cargo, recordando o muito da sua vida e da sua formação que a essas organizações ficou ligado.

Afirmou a sua admiração por todos aqueles que se dedicam à obra da educação da juventude, para o que era necessário muita «carolice», amor e vocação. Mas merecia a pena, ainda que só um rapaz fosse salvo.

Teceu interessantes considerações acerca dos problemas educativos, afirmando que muitas das grandes carências do nosso tempo são carências de formação da juventude. A crise da juventude só se poderá resolver se lhe dedicarmos toda a diligência, sobretudo se habilitarmos a família com os meios para realizar a sua elevada missão, particularmente na primeira infância, esse período da vida, que ao contrário do que em tempos se julgou, está longe de ser dos menos importantes. A família — disse — é a primeira escola da juventude.

E terminou, expressando uma vez mais os seus agradecimentos aos dirigentes das organizações presentes pelos esforços que têm feito para levar a bom termo a sua missão, fazendo votos para que lhes sejam facultados todos os meios essenciais ao desenvolvimento da grande obra que lhes está confiada.

À saída, o Dr. Rebelo de Sousa cumprimentou cada um dos dirigentes presentes, apertando a mão esquerda aos escoteiros.

Prepara-te para o Acampamento Regional e não faltes!

GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

JANEIRO A DEZEMBRO DE 1960

Dedicado a todas as Patrulhas dos «Escoteiros de Portugal» — As Patrulhas que conquistem um mínimo de 200 pontos receberão diploma de «PATRULHA DE MÉRITO» e os seguintes valiosos prémios:

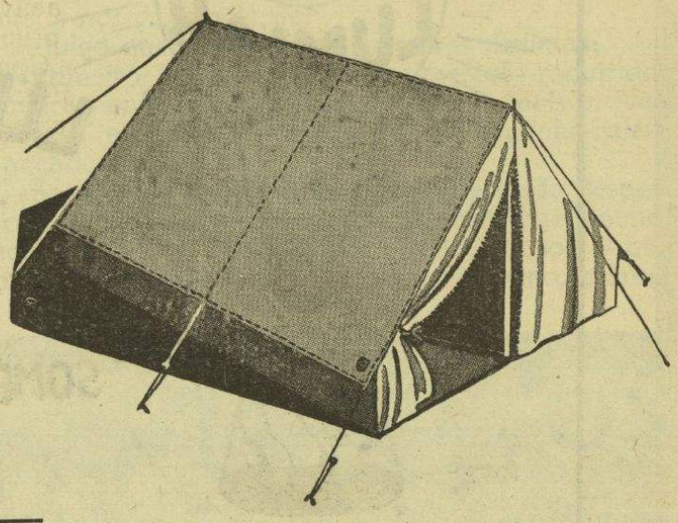
1.º Prémio

Oferecido pela reputada casa de ARTIGOS PARA CAMPISMO E PESCA DESPORTIVA

TECNICAMPO, L.DA

Rua da Conceição, 13, 1.º—LISBOA 2

UMA TENDA MODELO CANÁDIANO POPULAR



Ref. C 3. 1,30 m. de altura, 2 m. de comprimento, 1,60 de largura e 0,40 m. de parede. Confecção de tela Super-Tropical impermeabilizada, artigo de boa qualidade.

UMA MEDALHA COMEMORATIVA para cada membro da 1.ª patrulha classificada, oferta de **HÉLDER CUNHA,** conceituado fabricante de **taças, medalhas, bronzes e emblemas.** Rua dos Correeiros, 140 - 4.º — Lisboa 2

2.º Prémio

Troféu «FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL». Interessante troféu escotista, esculpido segundo desenho de B. P., vindo expressamente de Inglaterra. Uma homenagem dos Antigos Escoteiros à 2.ª Patrulha de Mérito.

3.º Prémio

Uma Taça de Prata, oferta da conhecida casa de máquinas de escritório — **QUINTINO, L.DA** — Reparação, vendas e aluguer de máquinas. Rua da Prata, 141, 2.º — Lisboa 2.

4.º Prémio

12 Latas pequenas de **Milo** — um produto **Nestlé** — delicioso alimento tónico, útil para as refeições matinais no campo e em casa. Oferta da **SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS,** Rua Sociedade Farmacêutica, 39, Lisboa 1.

5.º Prémio

Uma Lanterna eléctrica (pilhas) colectiva para suspensão. Uma Lanterna de bolso para cada um dos 8 elementos da Patrulha. Oferta de **ELECTRO-BRILHANTE,** Rua dos Fanqueiros, 187, Lisboa 2

Esta importantante casa de artigos eléctricos oferece de 10 a 40 %, segundo a natureza dos artigos, a todas as patrulhas concorrentes ao nosso Concurso.

6.º Prémio

Uma Marmita suíça de alumínio SIGG, modelo «SCOUT» com cinco peças. Oferta da conceituada casa de artigos de campismo **VIEIRA CAMPOS,** Rua da Prata, n.º 215, Lisboa 2.

7.º Prémio

Um Balde e um Alguidar de lona, de boa qualidade, oferecidos pela **Secção de artigos de campismo dos ARMAZÉNS GRANDELA,** Rua do Ouro, 205 — Rua do Carmo, 26, Lisboa 2.

8.º Prémio

UM ARTÍSTICO GALHARDETE DE PATRULHA oferta e confecção da antiga **CASA DAS BANDEIRAS,** Rua dos Correeiros, 149, Lisboa 2.

9.º Prémio

Uma artística Fotografia 24×30 oferta da **FOTO PÉLYS,** Rua Tomás da Anunciação, 62, Lisboa 3.

Para as restantes Patrulhas de Mérito: 1 exemplar do Manual de 1.ª Classe — **MAIS ALÉM** — oferta de «Sempre Pronto».

Prémio Recordação. A última patrulha classificada receberá mais 12 copos de plástico, oferta de Horácio Alves L.da da Rua Augusta, 45, Lisboa.

PRÉMIOS ESPECIAIS

Os Serviços Regionais do Centro dos Escoteiros de Portugal oferecem às duas Patrulhas melhores classificadas da Região Centro, excluída aquela que ganhar o 1.º lugar do Concurso se for desta Região, os seguintes prémios:

1.º — Material no valor de Esc. 50$00, requisitado pelo Guia de Patrulha, com aprovação do Escoteiro-Chefe. Um diploma e um exemplar do livro de provas de 1.ª classe **Mais Além.**

2.º — Material no valor de Esc. 25$00 requisitado nas mesmas condições, e um livro de provas de 2.ª Classe «Sempre Pronto».

N. B. — Para obter este material, as Patrulhas terão de entregar igual quantia à oferecida, que adicionada a esta será igualmente empregada na aquisição de equipamento.



EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELECTRICA

Avenida 24 de Julho, 150

TELEFONES 66 21 77/78

LISBOA 2

província essencialmente aprazível

1960 — A SABOIA CELEBRA O SEU CENTENÁRIO

No ano corrente, explore as montanhas com reflexos lilases, os lagos românticos de uma das maiores zonas de recreio do mundo. Na Saboia, poderá tentar a sorte ao jogo em Aix, entrar nas corridas de Annecy, fazer golf em Evian, ski em Chamonix, velejar em Talloires, desafiar o Monte Branco — ou se preferir, deixar-se embalar tranquilmente sob os frondosos plátanos, olhando os cisnes que cortam as águas plácidas.



Dê largas à fantasia em França

france

COMMISSARIAT GÉNÉRAL AU TOURISME

242, RUA AUREA, 3.º - LISBOA - P. P. C. 25368/9

Em vésperas de partir para o Campo-Escola de "Gilwell-Park", o Eng.º Nobre Santos, Delegado dos Serviços Centrais na Região Centro, revela-nos que dentro em breve se poderá começar a pensar na realização em Portugal de cursos preliminares da "Insígnia de Madeira"

A notícia de que os Escoteiros de Portugal dispunham agora de dois Escoteiros-Chefes diplomados pelo Curso da Insígnia de Madeira de Gilwell Park, despertou vivo interesse nos nossos leitores, alguns dos quais nos pediram esclarecimentos sobre o assunto. E é natural este interesse, dado o significado de que se reveste a preparação de dirigentes para o futuro dos Escoteiros de Portugal. Tendo chegado ao nosso conhecimento que o Escoteiro-Chefe sr. Eng.º José Maria Nobre Santos se preparava para voltar a Londres a frequentar novamente aquele Campo-Escola, procurámos este nosso dedicado amigo, solicitando-lhe mais alguns esclarecimentos acerca dos Cursos da Insígnia de Madeira.





Patrulhas do Curso de Gilwell Park. Na primeira Patrulha vê-se o E. C. Eng.º José Maria Nobre Santos. Na segunda, vê-se o E. C. José Eduardo Pena Ribeiro

O Eng.º Nobre Santos acolheu-nos com a habitual simpatia e pôs-se imediatamente à nossa disposição para responder às perguntas que quiséssemos formular. Resolvemos aproveitar a oportunidade para transmitir aos nossos leitores uma informação tão completa quanto possível acerca dos referidos cursos. Iniciámos a nossa entrevista perguntando:

—*Pode o Chefe dizer-nos como lhe surgiu a ideia de frequentar o Curso de Gilwell?*

—A aplicação do Escotismo de uma maneira consciente e eficaz exige dirigentes habilitados. Entre nós, tem-se feito sentir bastante a falta da formação de Chefes Escoteiros. É certo que essa falta é geral por todos os países, mas, entre nós, talvez o facto se tenha agravado pela falta de realização de cursos que aperfeiçoem os chefes existentes ou, até, os descubram. Algumas tentativas ou se realizaram há muitos anos ou têm dado poucos resultados práticos. Foi por sentir a penúria em que vivia o nosso Escotismo, que me decidi a ir a Gilwell frequentar os cursos correspondentes às Divisões de Escoteiros e de Caminheiros. Foi uma resolução espontânea e que levei a cabo por mim próprio, como ponto fundamental de que o Escoteiro se deve bastar a si próprio.

—*E pensa* — inquirimos — *que essa sua decisão possa influenciar o Escotismo português e, particularmente, a nossa Associação:*

—Julgo que sim e de três maneiras distintas:

«Primeiro. Porque os conhecimentos adquiridos permitirão aplicar um melhor Escotismo, mais proveitoso para aqueles que estiverem sob a minha esfera de acção.

«Segundo. Pelo exemplo dado, que pode despertar o interesse noutros chefes em adquirir mais conhecimentos através da frequência desses cursos. Aqui, como em todos os campos do saber humano, a ânsia de melhoria e aperfeiçoamento deve ser o apanágio de todos.

«Terceiro. Pelas possibilidades que se poderão criar de formação de novos chefes, quando existir um núcleo suficientemente numeroso de chefes capazes de organizar cursos de treino dentro do esquema da Insígnia de Madeira».

—*Parece-lhe ter sido útil a frequência do curso?* — inquirimos ainda.

—Sim e muito — respondeu o Eng.º Nobre Santos prontamente.—Não quero contudo deixar de fazer um reparo importante para o modo de pensar de alguns chefes. Julgo não ter adquirido grande coisa daquilo a que normalmente se chama técnica escotista. (Refiro-me àquela técnica corriqueira de aplicação prática). Talvez mesmo nada adquirisse neste campo se já não possuísse alguma coisa, devido à rapidez com que os assuntos são tratados. Contudo, não quer isto dizer que não tivesse aprendido muito e que, com qualquer outro, não suceda inconfundìvelmente o mesmo. Na realidade, o que se aprende, o que se vê e o que se pratica é, sobretudo, a forma de aplicar essa técnica. E esse é o ponto importante e fundamental do Escotismo. As provas de classe e os vários ensinamentos do programa escoteiro não são mais do que um objec-

(Conclui na página 6)

Vai ao Acampamento Regional e leva o teu entusiasmo!

Em vésperas de partir para o Campo-Escola de "Gilwell-Park", o Eng.º Nobre Santos, Delegado dos Serviços Centrais na Região Centro, fez-nos curiosas revelações sobre os cursos da "Insígnia de Madeira"

(Conclusão da página 5)

tivo primário, indispensável à aplicação do Escotismo verdadeiro nos seus múltiplos aspectos. Recordo bem, por exemplo, as tão variadas maneiras que nos foram apresentadas, e praticadas por nós próprios, para facilitar a aquisição das várias provas de um modo atraente e aventuroso, ficando ainda demonstrado como esses conhecimentos podem ser aplicados na resolução de tantos problemas, habilitando o rapaz a actuar nas várias circunstâncias que se lhe deparem, tanto na vida do presente como do futuro.

«É esse treino de capacidades próprias que importa desenvolver no rapaz e é nesse aspecto que vemos como o espírito criador dos técnicos de Gilwell se revela inovador, atraente e dinâmico. Este é o maior ganho daqueles que passam por Gilwell. Aprecia-se aí bem quão verdadeiras são as palavras de B.-P. ao considerar o Escotismo um Movimento, e em advertir os incautos que se arriscam a transformá-lo numa Organização.

«Por isso, a Insígnia de Madeira não é um curso que não nos dê direito ao uso de nomes pomposos, antes é um treino que deve ser renovado de tempos a tempos para refrescar os métodos e impregná-los do afluxo do entusiasmo e da riqueza imaginativa de novos processos de aplicação das verdades e sistemas fundamentais do Escotismo, que são imutáveis».

—Pode dizer-nos qual é a orgânica geral do treino de Chefes dentro do Esquema da Insígnia de Madeira?

—Em linhas gerais é o seguinte:

«CURSOS PRELIMINARES; preparação para os cursos de Insígnia de Madeira. Servem, principalmente, para os candidatos que tenham poucos ou nenhuns conhecimentos das práticas escotistas; corresponde sensìvelmente à aprendizagem dos ensinamentos da 2.ª Classe Escoteira e 1.ª Estrela para os Lobitos.

«CURSO DA INSÍGNIA DE MADEIRA; são os cursos básicos de chefes e têm por objectivo demonstrar de uma maneira tão prática quanto possível os princípios e os métodos do Escotismo no seu conjunto. Há cursos diferentes para os Chefes que se destinam aos Lobitos, aos Escoteiros e aos Caminheiros, embora a estruturação principal de cada um seja semelhante em todos eles.

«Há ainda os CURSOS DE ESPECIALISTAS destinados aos chefes que ocupam posições mais especializadas ou de comando jerárquico maior, visto que os cursos para Chefes Escoteiros, que atrás referimos, correspondem sòmente aos que se destinam a chefes de tribos (Divisão de Escoteiros) ou também, é claro, Chefes de Alcateia e Chefes de Clã. Assim há cursos para chefes de grupo (com as três divisões) e cursos para comissários ou chefes de Núcleo, chefes regionais, instrutores, etc. Além destes cursos há ainda os de técnicas especiais: trabalhos manuais, monitor de jogos, pioneirismo, cartografia, construtores de barcos ou carpinteiros e até cursos de estudo dos deveres para com Deus e de interpretação da Promessa e da Lei Escoteira».

—Pode dizer aos nossos leitores como se preparam e estão organizados os componentes do Grupo Internacional de Treino?

—Todos os chefes que completarem um dos cursos, dentro do esquema geral da Insígnia de Madeira, constituem o 1.º Grupo de Gilwell Park, facto que lhes dá direito a usar o lenço respectivo. Ora os componentes desse 1.º Grupo de Gilwell, que tem satisfeito mais uns tantos requisitos, sejam considerados com aptidões e tenham tempo livre para se dedicar à tarefa de treino de chefes, constituem o Grupo Internacional de Treino.

«Os componentes desse Grupo são das mais variadas nacionalidades e actuam não só em Gilwell como nos seus próprios países».

—Como se estrutura então esse Grupo Internacional de Treino?

—À cabeça dessa pirâmide encontra-se o Chefe de Campo Internacional de Treino, presentemente John Thurman, ajudado por uma boa equipa de chefes instrutores mais ou menos permanentes em Gilwell e por muitos outros, que de outros países quiserem lá ir dar ajuda e ao mesmo tempo aperfeiçoar-se no treino.

«Em cada país que tenha uma equipa de chefes instrutores preparada para actuar dentro do esquema de treino da Insígnia de Madeira, é designado um Delegado do Chefe de campo, que é responsável pela organização de todo o treino de chefes no seu país. Esse Delegado tem de satisfazer vários outros condicionamentos além da frequência do Curso em Gilwell e ter ainda tempo e qualidades para se dedicar ao treino de chefes».

—Pode dizer-nos se está alguma coisa pensada quanto à organização do treino de chefes dentro dos moldes apontados?

—Por ora não está, pois não temos chefes instrutores com o curso de Gilwell em número suficiente que tal permita, mas julgo que dentro em breve será possível começar a pensar na organização de cursos preliminares. Mais tarde, se dispusermos de uma boa equipa de chefes instrutores, poderá começar a pensar-se na organização de Cursos da Insígnia de Madeira. Dentro deste esquema, o óptimo seria que as duas associações escotistas conjugassem os seus esforços no sentido de levar a efeito esse trabalho que a ambas traria mais proveito do que trabalhando separadamente».

—Quais são os seus projectos mais imediatos? — perguntámos ainda, tentando penetrar nos planos do Delegado dos Serviços Centrais na Região Centro. Ele não hesitou e respondeu prontamente:

—Ir a Gilwell Park ainda este mês para tomar maior contacto com a organização dos cursos e colher elementos que possam ajudar-nos a preparar melhor as nossas futuras actividades. Conto trazer o maior número possível de elementos que ajudem a mostrar como se trabalha em Gilwell, para ver se fomento o entusiasmo entre os nossos Chefes e Dirigentes. Aproveito a minha viagem a Inglaterra para outras ocupações, para em nada sobrecarregar as finanças associativas, visto que só assim, e com o esforço de cada um de nós, poderemos levar a efeito a tarefa que temos em mãos, com um espírito absolutamente devotado e com os olhos posto no nosso lema «Servir».

Agradecemos ao Eng.º Nobre Santos os completos esclarecimentos que tão gentilmente nos quis prestar e despedimo-nos desejando-lhe boa viagem e bons resultados da sua nova estadia no «Gilwell». Estamos firmemente convencidos que Gilwell Park será uma fonte de nova inspiração para o Escotismo Português, onde, sem dúvida nenhuma, há muitas e grandes dedicações, mas onde se nota a necessidade de orientação e de um novo espírito.

E. R.

Entrevista do mês

A Patrulha "Águia" do Grupo n.º 13 trabalha para alcançar boa classificação

Ouvida já a patrulha «Gato Preto» do Grupo n.º 4, que há alguns meses vem conquistando o título de «Patrulha do Mês», mercê de um louvável esforço de angariação de assinaturas, resolvemos dar agora lugar nestas colunas a outra patrulha que pelo seu comportamento no concurso, merecesse tal distinção.

De entre as patrulhas reveladoras de maior capacidade que se encontram a disputar o «Concurso Escalpe de Ouro» podemos contar, sem sombra de dúvida, a patrulha «Águia» do Grupo n.º 13.

Quisemos, por isso, apresentá-la aos nossos leitores e registar aqui algo das suas actividades, dos seus planos e, ainda, as suas impressões sobre o nosso concurso.

São os seguintes os seus componentes: guia — Aníbal Nunes, 16 anos, estudante; subguia — Carlos Alberto Ferro, 16 anos, empregado de comércio; secretário — José Alberto Avelar dos Santos, 16 anos, empregado de comércio; tesoureiro — Martinho Abrantes Ferreira, 14 anos, empregado de comércio; guarda-material—Nicolau de Oliveira, 16 anos, electricista; e ainda João Vitorino Gomes de Almeida, 13 anos, empregado de comércio; Mário Manuel Pereira Chaves, 15 anos, estudante e Carlos Manuel de Sousa, 16 anos. Constituem actualmente a única patrulha do Grupo n.º 13 e são todos escoteiros, mas jovens no Movimento, pois estão no Grupo apenas há um ano.

É um punhado de rapazes de boa presença, camaradas, mas que se nos revelaram pouco faladores (!), à excepção do João Vitorino que foi o precioso auxiliar da reportagem.

Em jeito de conversa entre velhos companheiros, pudemos registar algumas opiniões, ora de um, ora de outro, que revelam, no entanto, o sentir geral da Patrulha.

— Estão satisfeitos com o 4.º lugar que ocupam na classificacão do nosso «Concurso»?—perguntámos ao guia.

— Não estamos completamente satisfeitos, pois não nos julgamos inferiores às patrulhas que marcham à nossa frente.

— Pensam, evidentemente, melhor...

— Sim. Estamos a trabalhar e conto com a boa vontade dos meus escoteiros para conseguir melhor classificação.

— Contam pelo menos conquistar o título de «Patrulha de Mérito»?

— ... E talvez consigamos ir um pouco mais além porque não nos falta o entusiasmo — foi a resposta que ouvimos, com um sorriso travesso do alegre João Vitorino, para quem a ideia da vitória final não é de desprezar.

— Gostam da forma como são apresentadas as provas e de como tem decorrido o concurso?

— Sim, o concurso tem sido bem conduzido e é interessante a forma como as provas nos são apresentadas.

— Não gostariam de ganhar pelo menos um «pequeno escalpe de ouro»? (símbolo do vencedor de uma Prova).

— Trabalhamos para isso e como ainda falta metade do torneio temos esperanças de que tal se consiga.

— Acham difícil a angariação de assinaturas para o «S. P.» entre os vossos familiares e amigos?

— Sinceramente, achamos difícil.

— Como sabem, mercê de um esforço, o «Sempre Pronto» resolveu criar uma classificação, à margem do concurso, para a qual não contam as assinaturas suplementares angariadas, mas sòmente a pontuação das provas. Como encaram esta nova modalidade?

— Com verdadeiro interesse, pois está aí a nossa principal dificuldade. Veio, portanto, trazer-nos mais entusiasmo e, agora, vamos redobrar os esforços, pois se formos vencidos pelas assinaturas, nessa classificação o primeiro lugar não nos escapará.

É difícil conseguir obter respostas aos «Águias» mas, mesmo assim, as suas afirmações são plenas de optimismo.

Mudamos agora o rumo à conversa e queremos saber algo das actividades da patrulha?

— Como trabalha a patrulha?

— Debaixo da orientação dos dirigentes, pois somos ainda novatos e procuramos aproveitar o tempo para aprender o mais possível.

— Têm feito muitas actividades?

— Um acampamento de quinze em quinze dias, por vezes em conjunto com outros grupos. Seguimos um plano traçado pelos nossos Chefes.

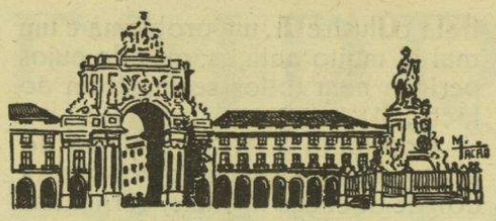
— Quanto ao futuro?

— O plano é o mesmo. Trabalharemos o mais possível para estarmos aptos a receber novos escoteiros que surjam.

Não quisemos despedirmo-nos sem colocar, como habitualmente, o «S. P.» à disposição dos «águias» do 13.

— Saudamos fraternalmente todos os nossos irmãos-escoteiros, distinguindo a camaradagem dos grupos com quem temos acampado ùltimamente. Aproveitamos ainda para agradecer e retribuir a saudação especial dos «águias» do Grupo n.º 5, nossos companheiros da velha «canção dos caracóis», quando entrevistados para o nosso jornal.

Nada mais nos restava que desejarmos aos rapazes da «Águia» as maiores felicidades e que os seus sonhos se transformem, dentro do possível, em realidades.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO N.º 53

Na sua sede, no ex-Convento dos Marianos, realizou este Grupo, em 25 de Junho, uma festa escoteira, que foi aberta pelo Caminheiro Daciano de Carvalho, que se referiu ao significado do Escotismo na vida do rapaz.

Lida a Ordem de Serviço pelo Chefe Fernando de Carvalho, prestaram promessa oito novos lobitos, tomada pela Chefe de Alcateia menina Ilda Augusta. Também prestaram compromisso de honra os novos escoteiros João Manuel Silva, Luís Teixeira, Natalino Pereira e Carlos Brandão.

Foram convidados a colocar insígnias de Guias de Bando os srs. Rev. Eduardo Moreira e Eng.º Nobre Santos. O Rev. Moreira referiu-se aos actos realizados e teve palavras de apreço para o Escoteiro-Chefe Armando Lino, que não pôde estar presente, a quem saudou.

Foram projectados filmes escoteiros e alguns números de variedades e canções. No final, o Eng.º Nobre Santos, delegado dos Serviços Centrais, falou à assistência e aos Escoteiros afirmando que todos deveriam continuar a manifestar o maior interesse pela obra que o «53» vem realizando.—*A. I.*

Atrasado na Redacção

MANUEL FERREIRA

Este nosso dedicado colaborador, antigo escoteiro do Grupo n.º 13, que se encontra na província portuguesa de Timor, onde é funcionário superior de administração civil, em Junho passado, quando se deslocava de bicicleta, foi atropelado por uma camioneta tendo sofrido fractura do úmero.

Lamentamos o desastre sofrido por este nosso estimado amigo e companheiro, fazendo votos pelo seu restabelecimento.

Soluções da Prova VII

1) Se a Lua estava em quarto-crescente tinha as pontas voltadas para Este. O Oeste, portanto, era o lado contrário.

2) Cometeram 3 faltas: (a) Pendurar a lanterna acesa no meio da tenda, o que deixa mau cheiro dentro da tenda, se a lanterna for de petróleo, e atrai mosquitos e outros insectos, alguns deles nocivos. A lanterna pendura-se em frente da boca da tenda, mas fora. (b) Ficar com as meias calçadas. É conveniente calçar umas meias, se possível de lã, para dormir, mas nunca aquelas com as quais se andou durante o dia. (c) Ter ficado a contar anedotas até de madrugada. Erro grave, porque incomoda as outras patrulhas, visto que à noite qualquer sussurro se houve distante; os rapazes não descansam o suficiente, ficando fatigados para as actividades do dia seguinte; manifestação de falta de disciplina. E quantas vezes isto terá acontecido?

3) O equipamento é colocado em frente da tenda, sobre panos do chão, ficando a manta dobrada, e o saco alpino na ponta, com todos os objectos à vista. Os Escoteiros formam uniformizados entre o material e a tenda, tendo o seu próprio equipamento em frente.

4) Podemos orientar-nos observando a acção dos raios solares nas plantas. As plantas crescem mais para o lado Sul, de onde lhes dá o Sol. As árvores apresentam a rama mais verde no Sul, onde lhes bate o Sol. O lado Norte apresenta-se mais escuro. Nos troncos, nota-se o efeito da humidade na parte onde o sol não bate, o Norte, onde crescem musgos e limos. A parte batida pelo sol apresenta-se quase sempre limpa ou mais limpa.

Os ventos alísios ou normais sopram na nossa região do Nordeste. Por este motivo, para se protegerem da chuva e do vento, muitos pássaros fazem a abertura dos seus ninhos para o lado contrário. As formigas e outros insectos procedem de igual forma. Se observarmos os formigueiros teremos um outro processo de orientação.

5) Queira consultar o manual de 1.ª classe

6) Continua a verificar-se nítido progresso nos trabalhos manuais. Com mais tempo, referir-nos-emos no próximo número aos quadros de nós.

7) A Associação dos Escoteiros de Portugal representa o mais elevado espírito escoteiro, admitindo no seu seio, em igualdade de condições, rapazes de todas as classes sociais, raças e religiões. Desde que o rapaz possa prestar sinceramente o Compromisso de Honra, pode fazer parte dos Escoteiros de Portugal e ser tratado como irmão-escoteiro.

8) O último Jamboree Mundial realizou-se nas Filipinas, no ano de 1959.



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 8/60

Hoje vamos oferecer aos dedicados leitores e concorrentes um problema difícil (que não é muito difícil) diferente do costume:

Quais são os nomes dados aos habitantes dos seguintes países ou localidades?

1. Ceilão; 2. Peru; 3. Chipre; 4. Mónaco; 5. Cafraria; 6. Madagascar; 7. Gronelândia; 8. Santarém; 9. Lamego; 10. Coimbra; 11. Castelo Branco; 12. Alcácer do Sal; 13. Cádis; 14. Riba Coa.

Solução do Problema n.º 7/60

Cada 10 elementos podem formar 5 pares. Os 5 pares variáveis são $10-1=9$. $5\times9=45$. O percurso portanto constava de 45 voltas.

Acertaram na solução os nossos estimados leitores: srs. João Margarido C. Pinto dos Reis e António E. Amêndoa.



9 — VIDA E MORTE DE UM BRAVO, por *Manuel Ferreira*. Edição da Associação Académica de Timor. s. l. 1958. 28 págs.

Nós, portugueses metropolitanos, em geral conhecemos mal as Províncias ultramarinas banhadas pelos mares remotos — Macau e Timor. Creio, porém, que a mais mal conhecida é esta última, cujo nome em tempos ainda recentes se encontrava associado a «deportação», e de que se falou com insistência quando os Japoneses a invadiram no auge da II Grande Guerra.

Eis a razão porque apenas um número muito escasso de pessoas conhecem os factos ligados às campanhas da ocupação no século passado, ignorando o nome do alferes Francisco Duarte, conhecido entre os indígenas pelo cognome de *Arbiro* («o homem que nunca descansa»), que, após uma carreira breve mas na qual abundam os lances de bravura e de decisão para a completa submissão do Timor português, acabou em combate há sessenta anos.

É essa vida intensa de batalhador, que recorda a dos «lidadores» medievais, que o sr. M. F. evocou em conferência proferida em Dezembro de 1958 durante o ciclo de conferências organizadas pela Associação Académica de Timor, que em boa hora a editou em folheto, que muito proveito haveria em divulgar entre a gente moça por esta ali poder colher sábia e sadia lição de energia e de fidelidade a um ideal.

Escrita em linguagem simples e despretensiosa, mas em que se sente pulsar a vibração do patriotismo, é obra para meditar e juntar a tantas outras em que se evocam grandes figuras de portugueses que deram a vida pela Pátria em terras longínquas do Ultramar.

10 — OS PERIGOS SOCIAIS DO ALCOOLISMO, pelo *Dr. Fernando Ilharco*. Edição da Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Porto. 1960. 28 págs.

Constitui também este folheto uma conferência, esta proferida a convite da benemérita Liga Portuguesa de Profilaxia Social, e nela trata o ilustre A. um problema e um mal já muito antigos, mas de cujos perigos nem todos se mostram ao facto.

Considera o A. o problema do ponto de vista social como causador de doenças mentais, afirmando que atinge 10,48 % a percentagem dos doentes mentais de origem alcoólica, tratados em todos os estabelecimentos de internamento, não só oficiais como particulares, em relação com o número total dos internados, acentuando ainda que «a miséria, a mendicidade, a vagabundagem, a prostituição, a criminalidade infantil, vão buscar a sua origem, num grande número de casos, ao alcoolismo dos progenitores» (pág. 23).

Foi moda, em certa época do nosso século, mofar de Zola por ele ter entroncado no alcoolismo uma das origens dos desvios, malformações e vícios das dezenas de personagens que se movem ao longo dos *Rougon-Maquart*. Infelizmente, o génio do grande escritor teve a intuição dos males provenientes desse vício, e são as estatísticas médicas que lhe dão razão contra os moralões de salão ou de café, apenas preocupados com a crueza dos termos ou das situações.

Reler, portanto, Zola é ver ao vivo a que pode conduzir o alcoolismo, que continua hoje tão inveterado no nosso País, particularmente aqui no Norte, onde escrevo, e em todas as classes sociais. Não me refiro já ao aspecto da degradação moral e ao que de deprimente representa a submissão do homem ao vício. Basta que, para a condenação deste se tornar efectiva, se avalie até que ponto ele pode contribuir para o depauperamento e até o aniquilamento dum povo.

Saibam todos, e em particular os Escoteiros (a quem vivamente aconselho a leitura deste folheto), meditar a lição do ilustre A.

O RATO SÁBIO

N. da R. — Nesta secção serão apreciadas todas as obras de que nos sejam enviados dois exemplares.

UM BAZAR NO GRUPO N.º 14 DE ALGÉS

Na sua sede na Rua Eduardo Augusto Pedroso, 12, em Algés, o Grupo 14, em estreita colaboração com a igreja a que está anexo, realizou um bazar a fim de angariar fundos para uma nova sede. Viam-se ali livros, roupas, doces, bonecos, quinquilharias e outros artigos, que foram adquiridos por amigos do grupo e membros da Igreja. É digna de louvor a acção e espírito de iniciativa do Chefe Eduardo Balão e dos seus Escoteiros.—*L. G.*

ANTIGOS ESCOTEIROS

Excursão a Mafra

No Domingo, dia 26 de Junho passado, realizou-se uma visita a Mafra, na qual participaram cerca de 40 antigos escoteiros e pessoas de família, tendo decorrido no ambiente agradável a que já nos habituaram as actividades da Fraternal.

De manhã, os excursionistas visitaram demoradamente o Convento e a Igreja, monumento notável que muito apreciaram.

O almoço foi servido em alegre convívio na Tapada. As senhoras presentes, numa reunião que tiveram, decidiram que fossem elas a oferecer à Fraternal o seu estandarte, para o que vão solicitar a cooperação de todas as senhoras que têm participado nas actividades dos antigos-escoteiros. O estandarte será entregue numa festa a promover oportunamente.

Atrasado na Redacção

À MARGEM DO CONCURSO «ESCALPE DE OURO»

Classificação Geral (excluídos os pontos por assinaturas propostas)

	PATRULHAS	GRUPOS	PTS.
1.ª	Galo.....	52	113(a)
2.ª	Águia.....	13	116
3.ª	Águia.....	5	114
4.ª	Poupa	60	96
5.ª	Águia.....	94	95
6.ª	Lobo	94	92
7.ª	Gato Preto..	4	90
8.ª	Tigre.....	8	89
9.ª	Cão.....	94	88
10.ª	Veado	7	75
11.ª	Leão.....	10	66

(a) Falta classificar o Quadro de Nós para confirmar ou não o 1.º lugar.

«Foi-me preciso ser aplicado: todo o homem que o seja igualmente alcançará tão longe quanto eu».

JOÃO SEBASTIÃO BACH

QUEM NÃO SABE... PERGUNTA

D. J. Figueiredo — Porto — Antes de ter conquistado a insígnia de 2.ª classe não podem ser concedidas insígnias de especialidade. A pergunta sobre «quais são as 6 especialidades da ordem», leva-me a crer que tu estás pensando nos cordões (amarelo e verde) para 6 especialidades, (verde e encarnado) para 12 especialidades. Se é isto que pretendes, podes tirar quaisquer insígnias à tua escolha.

O «REGIONAL», se tu quiseres, será uma manifestação de vitalidade dos Escoteiros de Portugal